

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Barcellos, 14 de julho de 1901

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 400; Provincias, 600

## IMPRESSÕES DE VILLAR

Bateu-nos no hombro o padre Cunha e disse, sorridente, que o Antonio estava á espera e mais a ex.<sup>ma</sup> esposa, afim de irmos todos a Villar de Frades.

Quando procuramos uma aberta, como esta, por onde nos podemos escapar para longe do affadigoso trabalho diario, sentimos uma intima satisfação.

O carro estava prompto e entramos para elle. Era o unico de folga nas alquiilarias barcelenses (pois que a crise é terrivel, tanto a economica, como financeira). Tinha as molas atadas a corda de bacalhau e os folles pareciam chagosos. O travão, esse, quando funcionava para o aperto, ai do pé caloso que ficasse sob um ferro que lhe dizia respeito, que interiormente atravessava a caixa...

Fomos giboiantes pelo macadam fóra, em demanda do convento, sob um sol nascido e criado para produzir meningites, aqui e ali envolvidos em incommodativo pó, e, passados 65 minutos, demos ingresso n'uma das dependencias da habitação dos frades. O p.<sup>o</sup> foi logo em cata do sr. Julinho, enquanto nós seguimos outra rota, quedando-nos a poucos passos a gosar uma parte ruinosa pelo incendio—que devorou quasi toda a estancia fradesca—e que tinha e tem grandes *effeitos scenicos*, sendo para destacar o tom atijolado de tudo aquilo e os pinturescos arcos, desalinhados, esbo- roantes.

Mereceu isto as honras d'uma photographia e a seguir, a poucos passos, igual distincção teve um chafariz escondido entre laranjeiras, e que é uma linda e elegante peça d'arte.

Retrocedemos para encontrar o cavalheiro por quem o reverendo clamava, que é o nosso amigo Julio Mauricio Lopes, e, ainda, s. ex.<sup>ma</sup> esposa, ambos distinctos na conversa e na apresentação, na franqueza e na sinceridade. Surgiu-nos n'esta altura o p.<sup>o</sup> Agostinho Mattos, uma cara de frade de Villar, bondosa e... zombeteira...

Segundo um dos nossos objectivos, demos ingresso na sacristia e, para logo, o Antonio Candido se guinda a um dos vestibulos lateraes, seguindo com a vista, minuciosa e paciente-

mente, os quadros a oleo dos quatro evangelistas ali pendurados. Pediu soffregamente agua, mesmo benta—protoxido de hydrogenio liturgico—e lavou o que pôde das telas, para nos chamar a attenção do trabalho.

O p.<sup>o</sup> Agostinho Mattos, que tambem é artista, emboran'outro genero—em violoncello— não se teve que não dissesse, vendo as modestas, mas superiores attitudes d'aquelle nosso illustre patricio:

—Então isso tem merccimento?

—Estes quadros dos evangelistas, sr. p.<sup>o</sup> Mattos, ainda que a alguem pareçam uma inferioridade, não o são para mim

—!!

—...Esta analyse detida que acabo de fazer-lhes, vem confirmar apenas a opinião que ha cinco annos tenho sobre o seu valôr. Não digo que estas pinturas sejam verdadeiras obras primas, todavia têm qualidades que as tornam dignas de serem tiradas de tão grande *desprezo*! Este genero de pintura não define claramente uma escola, no entanto parece-me haver aqui influencia da chamada escola italiana, o que não admira porque alguns mestres d'aquella proveniencia vieram a Portugal e deixaram vestigios da sua passagem. E' muito provavel que nos archivios que pertenceram a este antigo convento hajam documentos pelos quaes se possa saber quem foi o auctor d'estes trabalhos. Seja porém quem fôr, pondo mesmo de parte o interesse que possa haver com *documentos de theologicos*, o que é evidente é que os quadros estão bem longe de ser classificados como *productos medicos*. Veja: ha aqui traços d'uma intelligencia superior. Sobretudo as cabeças dos apostolos são muito expressivas e bem modeladas, têm bellos effeitos de luz, colorido pouco convencional e a composição, magnifica, especialmente a de S. Matheus. Tenho visto muito proclamados em museus antigos, sob o ponto de vista artistico, quadros *muito inferiores*.

—Seria, pois, dissemos nós, da maxima conveniencia fazer-lhe uma lavagem appropriada, afim de pôr a descoberto os bellos *detalhes* que se occultam debaixo de immensa porcaria.

—*A fortiori*, approva o p.<sup>o</sup> Cunha...

Vimos, tambem, com grande admiração nos-

sa, uns soberbos pergaminhos das solemnidades religiosas dos frades, abundantísimos em illuminuras, d'um desenho e colorido admiráveis. São ao todo seis livros que estão enterrados n'um gavetão húmido. O bolôr e a traça e o desleixo, deixam perder o que deveria ser caridosamente recolhido!!! Toda a comotiva *flameante* com bastante dispendio de forças empurrou lá para dentro do encaixe o enorme o gavetão, sepultura de tão boas preciosidades.

—O melhor está aqui, dizia o p.<sup>o</sup> Mattos...

Surprehendeu-nos trazendo á mão de todos, a cruz da Magdalena de Villar, de que publicamos a photogravura no ultimo numero. E' um rico documento em cobre do ultimo periodo do estylo gothico, de curiosos baixos relevos gregos.

Esta cruz veio cair ás mãos d'um bricrabraquista da rua Direita e d'aqui seguiu para as d'outro, de Braga.

Melhor dizendo: andou, como outr'ora, de casa de Annáz para a de Pilatos.

Aqui o Pilatos era o Cagalhufas e o Annáz, o José Maria...

Porém os Judas da Magdalena que assim vendiam um symbolo de paz e de amor, que secularmente tinha presidido aos actos religiosos mais solemnres da vida dos habi antes da freguezia, viram-se «entre a cruz e a caldeira», quando tiveram conhecimento da importancia offerecida pelo objecto e dos perigos em que juridicamente incorriam.

E ainda bem que ficaram a fazer cruzes!...

\*

Batemos em retirada, não sem primeiro irmos ver a unica bibliotheca... do convento—a adega.

Ha lá o *estyllo* vernaculo de Herculano, que põe a gente grave, austera; o *estyllo* de Julio Cesar Machado, fresco, vivificante...

...Abrimos o merendeiro—reforçado pela franqueza nata da ex.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Laura Lopes—para, depois, subirmos o Cavado amêno em barca ampla.

E, finalizando, temos de dizer que o Ramos Lopes, é o *ramo* dos bons typos de Villar, pois deu o seu contingente de boa graça, ás excellencias do passeio.

A. Soucasaux.

Um cavalheiro do grande posição social solicitou-nos uma entrevista e disse-nos:

—“Em vista do conselheiro Novaes representar o—Franco, o José Faria, o Hintza, o José Itanos—o José Luciano, e das difficuldades, dos apuros, em que se vão ver *gregos e trojanos* para desempenharem na urna um dos seus deveres civicos. lembro uma saida que colloca a todos em geral e a cada um em particuliar, na

melhor das situações possiveis. Na eleição da camara deitarem os barcellenses, dignos d'este nome, nos cavalheiros que aponto. Depois di-rei da eleição de deputados,,:

Dr. Luiz de Novaes

Dr. Martins Lima

Conselheiro P.<sup>o</sup> Domingos José de Sousa

Dr. Antonio Ferraz

José de Bessa e Menezes

Dr. Augusto Mattos

Gonçalo Pereira

Antonio d'Almeida Azevedo

Thomaz José d'Aranjo

### CRISMODS

\*\*\*

Eu amo-te mulher gentil e pura!

Tens a candida graça d'uma flôr

Que uma abelha beijasse com amor

Libendo-lhe do seio alma doçura!

E's infinitamente encantadôra!

E cuido que é preciso não tocar-te,

Mas só viver de longe a admirar-te,

Criança divinal e estonteadora!

Sonho que se evapora á luz do dia,

Aroma que se espalha e desaparece,

Assim a paz do teu sorrir fenece

Em suave, celestial melancolia!

E's o meu sonho, o meu amor radioso;

Tens a graça infantil que me arrebatá!

Se amar é graça, graça que nos mata,

Mil vidas dêra por morrer ditoso!

Sós, bem sóis, braço dado entre a verdura,

Um beijo d'uma flôr, d'uma ave o canto,

Eis eterno prazer, eterno encanto;

Só tu me podes dar tanta ventura!...

A vida é boa! Abre o teu sorrir

Aos gosos do amor, oh! meu anhelô!

Amar é um dever,—tributo ao Bello!

E' ter um ideal, é Deus sentir!

25-junho-901

Arnaldo Braz.

O tomate, como os leitores sabem, desempenha na culinaria um papel importante. Um bello dia a criada de um abbade do concelho de Braga, celebre cosinheiro, na occasião em que servia um opiparo jantar ao amo e a um hospede illustre, ao apresentar um prato, disse: «Desculpem se não estiver bom. Eu, se tivesse tomates, apresental-o-ia melhor».



## Nos rapazes d' Espozende

(Phantazia)

Rapazes, vinde cá! meus amigos, ouvi!  
Esta noite tive um bello sonho em que vi  
Toda a rapaziada alegre e bemfazeja.  
Eu vou contar:—«Nasceu o dia! O sol dardejia,  
Sorrindo todo amor, seus raios matutinos  
Que saltam pelo espaço em turbidões divinos  
De luz vivificante. A burguezia dorme!  
Apenas se presente o caminhar disforme  
Do proletario rude indo para o trabalho.  
Do resto tudo é paz, no Cresco ou no serrallo.

Alado



E aos outros tambem. E' cheio de dó profundo  
Que os tira por amor de Deus a todo o mundo!...

E accordei! accordei assim... aqui... aqui...  
E juro-vos, emfim, que mais não vi, não vi.

Espozende 10-7-1

Alcino

A photozincogravura de hoje apresenta o al-  
cado da enfermaria de isolamento que, a ulti-  
ma digna Mesa da Misericordia, tencionava  
mandar construir.

Alado lateral

Vista de



«E então eu vi surgir das bandas do Levante,  
Pallida e virginal como a Beatriz do Dante»,  
A nossa «companhia». Eu era o director.  
E'ra Mazombo o Chico o rufava o tambor.  
Tocava flauta o Fino. Emfim, fomos p'ra praça.  
«E' entrar! é entrar! trabalha-se de graça!  
Ninguém paga um cestill! é só p'ra admirar  
A nossa habilidade o o nosso trabalhar...»  
E a praça solitaria, a praça só, deserta,  
Já fica a abarrotar de gente boquiaberta,  
Assim que ali nos viu.

.....E logo o Magalhães  
Passou de Coquefin a domador de cães.  
Pinheiro resimento, auctor do Nenuphar,  
Mettido n'uma jaula. E'ra gigante alvâr  
Chegado expressamente:—um norte americano  
Sobrinho do Papuss e neto de Vulcano.  
O Cerqueira é athleta, éra hercules de feira  
Que erguia em cada mão mil kilos sem cancelar!  
Pudibundo o José, de fraque,—o Zé d'Abreu,  
Fazia mui gentil mimobras de Romeu!  
Eduardo Brazão desobre um hemispherio,  
Caminha aos pulos,—vê na China um megatherio  
E fica a rir com cara alegre de Mazombo.  
O Amadeu entra em scena, e, só, a tocar bombol  
Muito bem! Bravo! Bravo! aqui está o Amadeu!...  
E' uma cara antiga, a mumia d'um Muzen!...  
Muito bem!.....

.....Por fim vae agora o Avelino  
Em doida frasearia, a brados de retino.  
Dentista americano! arranca e chumba dentes.  
Está mesmo a calhar! Nada leva aos elientes

## Album da Lagrima

Manifesta Antonio José Deilbass Dôas de  
San Jolião De freixo 2 almodess dé, bilho que  
baí bender áromaria do sãon pai em painee.

\*

Um trecho d'uma carta amorosa, dirigida a  
uma criada d'esta villa. Affiançamos a authen-  
ticidade do que segue

.....Pois tenho a dizer-lhe que tudo que eu  
lhe disse já á muito tempo que lhe queria di-  
zer mas suspeitando que a menina não annu-  
se ao meu intento ideal atirava-me de lhe  
dizer a maior minima declaração.

Portanto pode socegar porque o meu coração  
já se apoderou do seu amor.

Dois dos muitos correspondentes d'esta villa  
para os diarios de Lisboa e Porto, com largas  
aspirações a litteratos, faziam-se perguntas so-  
bre palavras e phrases de uso menos vulgar.

Um d'elles perguntou:

—Sabes o que são filhos posthumos?

—Filhos posthumos são aquelles que nas-  
cem depois da morte do pae, define o primeiro  
que se prepara para fazer desenvolvida explica-  
ção.

—Ahl já comprehendo. E portanto filhas  
posthumas são aquellas que nascem depois da  
morte da mãe, responde o enfatuado littera-  
telho.

**Encadernações.** Fazem-se per-  
feitas e baratas na Typ. Barcellense  
de Augusto Soucasaux.

No nosso tribunal o escriptão Terroso interrogava uma testemunha trigueirota e recitou-lhe uns versos, para amenisar as durezas da *linguagem forense*:

Não negues, confessa",  
Que tens certa pena,  
Que as mais raparigas,  
Te chamem morêua,,

—Cite o auctor, atalha o dr. Monteiro.

—Guerra Juazeiro.

—Perdão, diz o dr. Sá Carneiro, é João de Deus; e opina na mesma o dr. Luiz: pela confusão que origina o lyrismo do auctor do «D. João», semelhante o, muitas vezes superior, ao de João de Deus.

No auge d'estas disputas—é este, é aquelle—salta o Barcellos, de Barcelinhos, muito zeloso empregado do Justiniano, e diz:

—Não, senhores; os versos são de S. Lucas, capitulo XVI.

Pedimos a attenção do vereador, a quem diga respeito a limpeza publica, para este assumpto:

Não permittindo o Codigo de Posturas que em antes da meia noite se remova estareo (que não seja de cavallariças), qual é a razão por que de dia e em plena praça se consente que algumas poxeiras o tirem da...cabeça umas ás outras.

Sempre a catarem-se, para vergonhoso exemplo da boa hygiène dos outros.

### *As tuas calças!*

*No Pinto Rosa*

As tuas calças formosas  
Tem a cor d'azul ás riscas!  
São bonitas, são formosas,  
Pras moças que tu empiscas!

Coisa assim, nunca se viu!  
Compradas com teu dinheiro  
Até o diabo se riu,  
De te ver assim lampeiro!

Agora, toma um conselho,  
Sincero, do coração,  
Porque é d'um amigo velho—  
Parodia o Pae Adão!.

Medicina da "Lagrima,,  
Recita para fazer nascer a burba.  
(Dedicada, offerecida e applicada aos jovens imberbes)

Rapar a cara tres vezes por dia, 5 minutos antes do almoço, jantar e ceia, durante o quarto crescente.

Os srs. **negociantes** tem á venda na Typ. Barcellense livros—**Diário—Razão—Conta corrente.**

### *O carneiro do Cagalhufas*

Vinde a mim habitantes do monte!—exclamava ha dias, choroso e enraivecido, o nosso lendario Cagalhufas.

E a sua voz, a principio trombonicamente feroz, foi-se apagando, até que se perdeu de encontro ás gargalhadas estridentes do Agostinho Severino, do Martins dos Fados (que melro!) mais de alguns pandegos, que, segundo reza a historia, em tarde amena, deram largas ao seu apetite, fazendo desaparecer d'esta para melhor um bojudo e nédio carneiro, bellamente enfeitado e a melhor obra que o Cagalhufas tinha produzido desde que se mettu a comprador de trapos velhos.

Assim abandonado pelo filho dilecto das delicias que antegosava; certo da traição dos amigos, que nem os enfeites lhe deixaram para divertimento dos seus meninos, só lhe restava appellar...para outro habitante do monte.

Criar e educar um bicho d'aquelles; preparal-o com todos os *matulôres*: fazei-o expôr ao calor do forno; deixal-o ahi; ir-se inebriando depois ao contacto de tão consolador cheiro, para—n'um abrir e fechar d'olhos—ver desaparecer o objecto de tantos cui-lados, o fino coixão, as saborosas costeletas, o perfumado bedum do seu bem amado carneiro!

Estar já de faca em punho, e copos em bar-da sobre a meza promptos a receber o precioso espumante pela mão de guapas tricanas, mandar buscar o *rei da festa* como que em triumpho...e, a final, a lugubre noticia—não está lá! Como assim?... E' o que te digo homem—exclamava a mulher do ludibriado Cagalhufas.

Não quer acreditar. Parte como uma flecha ao forno, armado em camara ardente, e fica perplexo...vê tudo: a triste realidade de um...*consumatum est*.

Quiz ir immediatamente lavar o seu protesto ao cartorio de um notario; mas resistiu ante a ideia de que...assim como S. João se entre-tinha com um carneiro pintado, tambem elle se podia entreter...a fazer cruces na bôcca ao que lhe havia desaparecido e que a essa hora já deveria ter passado pelo estreito de meia duzia de gulosos, com hastes e tudo, com essas hastes que o Cagalhufas apertou muitas vezes entre as suas mãos e que foram para elle tão ingratas como os que fizeram ir á cova a maior preciosidade artistica que tinha adquirido...no monte da Franqueira.

Se o Martins dos Fados fallasse... o melro talvez se descobrisse.

Retiramos entre outro original um a respeito da missa nova do nosso amigo padre José J. Gomes, da Ucha, que irá no proximo n.º.